

O ESTUDO COMO FORMAÇÃO HUMANA É ATO DE LIBERDADE

STUDY AS HUMAN EDUCATION IS AN ACT OF FREEDOM

ESTUDIO COMO LA FORMACIÓN HUMANA ES UN ACTO DE LIBERTAD

Fernanda Ferreira Cardoso*
Sandra Regina Paz da Silva**
Ciro Bezerra***

A FORMAÇÃO DE SI COMO PROCESSO PEDAGÓGICO

O ponto mais crítico e apontado como responsável por fracassos [abandono, evasão, desistência, absenteísmo e procrastinação à formação de si, nas graduações e pós-graduações, das universidades do Brasil] passou a ser fortemente relacionado aos obstáculos e dificuldades associadas à capacidade de escrever, deixando claro o quanto *orientar significa qualificar para autoria* (Machado, 2018, p. 20).

O percurso acadêmico no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), não apenas contribuiu para a minha formação acadêmica, mas também interferiu de forma fecunda na minha percepção e compreensão do mundo, na minha cosmovisão. Posso afirmar que a experiência vivida na universidade pública abriu meus horizontes vitais. Os efeitos do método do *estudo imanente* nessa formação, percepção e compreensão não têm precedentes em comparação com minha formação pregressa. Ele foi o acontecimento.

Esse método despertou em mim questionamentos de toda ordem, que passaram a se fazer presentes nos espaços vivos em que existo. Mudou a perspectiva que eu tinha sobre minha identidade pessoal. Por meio dele, aprendi a reconstruir e a cultivar minha subjetividade, além de trabalhar nas minhas disposições psicológicas, mediadas pelo estudo regular e sistemático. Para compartilhar esses saberes e acontecimentos pedagógicos e/ou formativos, descreverei brevemente esse processo pedagógico.

*Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL – Centro de Educação. E-mail: fernandaferreiracardosoffc@gmail.com.

** Professora Doutora em Educação, pelo Centro de Educação – CEDU, da Universidade Federal de Alagoas – Ufal. E-mail: sandra.paz@cedu.ufal.br (Orientadora).

*** Professor Doutor em Sociologia da Educação, aposentado pelo Centro de Educação – CEDU da Universidade Federal de Alagoas – Ufal. E-mail: ciro.ufal@gmail.com.br (Coorientador).

DESAFIOS DO PROCESSO PEDAGÓGICO NO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

O interesse em ingressar na universidade pública foi despertado durante o terceiro ano do Ensino Médio. Surpreendentemente, esse interesse aflorou graças à cobrança da professora de Língua Portuguesa. Próximo ao término do ano letivo, ela interrompeu sua aula de forma repentina para nos perguntar: “Gente, vocês fizeram a inscrição para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)? Vocês precisam se inscrever para poder ingressar na universidade e dar continuidade aos estudos de vocês!”

Esse chamamento à vida e ao estudo provocou inúmeros questionamentos: o que se faz em uma universidade? Por que devo fazer um curso superior? O que esse curso acrescentará à minha vida? Qual curso devo escolher? Quais documentos são necessários? O que é o ENEM?

No decorrer do Ensino Médio, na rede estadual de ensino, não tive acesso a inúmeras disciplinas, como Matemática, Biologia, Química e Física. Para ser aprovada no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, foi necessário submeter-me, com paciência, a cinco processos seletivos do ENEM. Nem por isso desisti. Além de persistir, enfrentei o sistema de cotas, completei uma suplência e, ainda, precisei aguardar aproximadamente um ano até conseguir, definitivamente, ingressar na tão sonhada e desejada Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

O ano era 2017. Ainda recordo vividamente a alegria que permeava meu ser e o orgulho estampado no rosto de minha mãe. Orgulho de me ver arrumando para tomar café e sair de casa, pronta para construir o meu futuro com as próprias mãos e coragem. Naquela época, acreditava piamente que o diploma do ensino superior seria suficiente para conquistar minha independência financeira. Para mim, o diploma de uma universidade pública, como a UFAL, representava a chave para garantir um bom emprego, salário estável e qualidade de vida.

Fui a segunda pessoa em minha família a ingressar no ensino superior, seguindo os passos do meu irmão, que também enfrentou dificuldades semelhantes. Cada momento dessa jornada — da pré-matrícula à sala de aula do Centro de Educação da UFAL — permanece vivo em minhas memórias. São momentos que marcam a concretização de uma luta persistente e paciente, sempre mantida viva como projeto e anseio de vida.

VIVÊNCIAS E PERCEPÇÕES DOS DRAMAS E TRAGÉDIAS DO PROCESSO PEDAGÓGICO

Ainda animada e emocionada pela empolgação inicial, não demorou muito para que uma sensação de impotência e frustração se abatesse sobre mim, alimentada pela amargura e o dissabor de me deparar com a quantidade de textos para leitura, de diferentes disciplinas, que compõem o campo dos

fundamentos da educação. Todos exigiam uma compreensão mais profunda do que minhas capacidades intelectuais permitiam. A distância entre um texto e outro era imensa. Era incrível o hiato entre minhas possibilidades de interpretar e compreender e os textos das referências das disciplinas oferecidas pela grade curricular. As linguagens acadêmicas estavam muito além do parco vocabulário que eu havia acumulado até então. Alfabetizada na educação básica, sentia-me uma verdadeira analfabeta na universidade. Quanta amargura e impotência!

Autores clássicos e renomados da educação, como Saviani e Paulo Freire, eram quase ininteligíveis e indecifráveis no mundo vocabular em que fui formada. Seus escritos eram difíceis de entender, devido às linguagens utilizadas. O desespero tomou conta de mim.

Lembro-me nitidamente de uma resenha crítica solicitada pela professora de Fundamentos Filosóficos, na qual me vi incapaz de começar a escrever, quanto mais de desenvolver e concluir. Simplesmente, não fazia ideia de por onde começar. Recordo também das dificuldades que enfrentava para fazer uma apresentação simples das ideias de um autor. Eram obstáculos básicos, como a leitura de textos curtos e relativamente fáceis. Sem entender o que acontecia, a inércia tomava conta de mim; eu travava. Percebia que minhas capacidades cognitivas se limitavam a decodificar letras e palavras, mas não conseguia interpretar as relações entre as frases, identificar as ideias, ou compreender as articulações das proposições.

Não conseguia sequer identificar os objetivos, objetos, teses e hipóteses — linguagens essenciais das ciências que estruturam a geografia textual. Essas dificuldades provocavam pânico e desespero. A vontade de sumir e desistir da universidade era esmagadora. Eu me perguntava: não seria melhor e mais cômodo ingressar no mercado de trabalho? Talvez fosse, mas seria um ato de covardia desistir na primeira dificuldade? Que outras alternativas eu tinha? Que oportunidade teria novamente para estudar? O que seria de mim e da minha vida? Que lugar o mundo reserva para aqueles que concluem apenas o ensino médio?

A incompatibilidade entre minha capacidade intelectual e as exigências do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Educação da UFAL, era evidente. E agora? O que fazer? Cheguei a duvidar de minhas forças para enfrentar esse problema. Vivi um dilema e um desgaste emocional profundo, perguntando-me continuamente sobre o sentido e o valor de continuar me torturando daquela forma. Afinal, não seria uma ilusão cursar a universidade com aquela angústia persistente, por não conseguir compreender os trabalhos acadêmicos das diferentes disciplinas?

O primeiro período foi o pior — um verdadeiro horror de sofrimento. Isso me levou a procurar recuperação acadêmica para amenizar o conflito vivido nesse processo. Foram momentos de desalento psicológico e conflito intelectual que

frequentemente me fizeram questionar se o ambiente acadêmico realmente era para pessoas como eu.

Concluído o primeiro período, mesmo com toda essa angústia, mas aprovada em todas as disciplinas, iniciei o segundo repleta de medos, receios, incertezas e temores. O que estava por vir? Seria mais um período de sofrimento intelectual?

Era 2017, e os estudantes do segundo período eram alertados por aqueles que seguiam para o terceiro. Eles nos avisavam sobre as disciplinas “bicho-papão”. Comentários sobre essas disciplinas ecoavam pelos banheiros, xerox, cantina e corredores do Centro de Educação. Entre todas, a mais temida era Fundamentos Sociológicos da Educação. Eu me perguntava: que pedagogia essa disciplina utiliza para provocar tanto alvoroço entre os estudantes? O que é o método do estudo imanente?

O docente da disciplina era o Professor Dr. Ciro Bezerra. Mas foi justamente esse “bicho-papão” que mudou completamente minha trajetória. Ele reorganizou minhas prioridades, colocando o estudo em primeiro lugar. Com os saberes pedagógicos do método do estudo imanente, aprendi que tudo o que devo mover pela formação de mim mesma deve ser feito hoje, agora. Sêneca me revelou que o passado já pertence à morte; o presente é o que temos. Não devemos procrastinar o estudo. Viver é vivê-lo intensamente no presente.

O primeiro dia de aula de Sociologia da Educação começou com um fato pedagógico marcante: o professor sugeriu a leitura silenciosa da primeira carta de Sêneca, endereçada a Lucílio. Em seguida, fez a leitura em voz alta para toda a turma e, ao terminar, nos convidou a refletir cuidadosamente sobre cada frase. Foram quase quatro horas refletindo sobre um opúsculo de apenas uma página.

Eu me perguntava: como uma carta de uma página pode conter tanta força, arte, beleza e sabedoria? A mensagem de Sêneca fundia tempo, vida e morte, com um ritmo poético e melódico que nunca percebi em outro autor. E isso é Sociologia da Educação? Que maravilha!

Tudo parecia novidade, uma grande aventura. Aquele professor nos apresentava uma pedagogia libertária, nascida do método socrático. Ele dizia: “Sei que nada sei”, superando a ignorância para alcançar uma vida plena de sentidos. Essa pedagogia transformou minha forma de encarar o estudo — e a vida.

As Cartas de Sêneca são de uma beleza e profundidade imensas. Na primeira carta do livro, intitulada Da Economia do Tempo, ao saudar seu amigo Lucílio, ele nos leva a perceber a natureza efêmera da vida no transcurso do tempo. Sêneca nos sensibiliza sobre a importância, o valor, a singularidade e a delicadeza da vida. Entre as muitas questões impactantes, comecei a

ponderar sobre o lugar que o estudo ocupava na minha vida e como poderia torná-lo uma prioridade.

Saí da sala de aula inquieta, eufórica, pensativa. Não conseguia parar de falar com meus colegas sobre o impacto que aquela carta me causara. Destaco abaixo alguns trechos que, até hoje, me perturbam:

Comporta-te assim, meu caro Lucílio, reivindica o teu direito sobre ti mesmo e o tempo que até hoje foi levado embora, foi roubado ou fugiu, recolhe e aproveita esse tempo. Convence-te de que é assim como te escrevo: certos momentos nos são tomados, outros nos são furtados e outros ainda se perdem no vento. Mas a coisa mais lamentável é perder tempo por negligência.

Se pensares bem, passamos grande parte da vida agindo mal, a maior parte sem fazer nada, ou fazendo algo diferente do que se deveria fazer.

Podes me indicar alguém que dê valor ao seu tempo, valorize o seu dia, entenda que se morre diariamente? Nisso, pois, falhamos: pensamos que a morte é coisa do futuro, mas parte dela já é coisa do passado. Qualquer tempo que já passou a morte já o possui.

Então, caro Lucílio, procura fazer aquilo que me escreves: aproveita todas as horas; serás menos dependente do amanhã se te lançares ao presente. Enquanto adiamos, a vida se vai. Todas as coisas, Lucílio, nos são alheias; só o tempo é nosso. [...] (Sêneca, 2018, p. 20).

Vou tentar resgatar e compartilhar com vocês o que se passou na minha mente no decorrer daquele processo pedagógico, que envolveu leitura e meditação, durante a primeira aula de Sociologia da Educação. Esta recordação apoia-se nas seguintes questões pedagógicas: O que vocês andam fazendo com o tempo? Quanto tempo é negligenciado diante de uma TV, nas liturgias de uma missa ou de um culto? Quanto tempo de vida me tem sido roubado, diariamente, no deslocamento de ida e volta, de casa para a universidade — de Cajueiro para a UFAL e da UFAL para Cajueiro? Quanto tempo de vida é consumido no trabalho dedicado à escola onde atuo? Quanto tempo dedico ou poderia dedicar ao estudo regular, sistemático e metódico? Enfim, quantas horas por dia dedico ao estudo, sabendo que há um tempo socialmente necessário para a apropriação de conhecimentos, assimilação das linguagens e adesão ao seu regime de verdade?

A partir da reflexão sobre essas questões, a percepção de mim mesma no mundo provocou uma ebulição substancial e sem limites. Meus seres ou existências passaram a ser agitados de uma forma que solapou e dissolveu minhas forças de resistência. Todas as ocupações cotidianas foram postas em questão ou entre parênteses. Foi a partir das reflexões sobre as questões indicadas acima que comecei a transformar minha vida cotidiana,

especialmente no que diz respeito à vida familiar, à vida social e às atividades e ocupações constantemente demandadas pelo trabalho.

Passei a repensar meu lugar na família, no grupo de amigos, na universidade, no trabalho, na igreja. O que fazia de mim nesses espaços ou o que eu consentia que fizessem comigo? Em que e como contribuía para a formação do meu ser? Em que forma de ser meu eu sociopsíquicopedagógico se constituía?

Então, comecei a pensar seriamente no lugar social que escolhi para habitar e viver. Em que ser desejava me converter ou deixar de ser e me reverter. Que forças deveria mobilizar para me dedicar à formação de mim mesma, em mim mesma, por mim mesma e para mim mesma. Passei a compreender com mais clareza, precisão e profundidade as dinâmicas sociais que nos capturam sem que percebamos. Entendi que começava a aprender a pensar sociologicamente minha educação e minha formação. Esse aprendizado abria um leque de possibilidades para intervir na minha vida e mudá-la com mais segurança emocional.

Nas instituições de ensino, refletia, somos capturados pelas estratégias de poder da pedagogia bancária, como a dualidade entre ensino e aprendizagem, teoria e prática, habilidades e competências, entre tantas outras. São inúmeras as formas binárias vinculadas à hegemonia das estratégias de dominação da pedagogia bancária, que nos dobram facilmente e sem o menor pudor, sem o nosso consentimento ou aceitação consciente.

Quem percebe as tramas pedagógicas do ensino bancário consegue também vislumbrar as consequências práticas dessas dinâmicas na formação das pessoas, tanto no âmbito das instituições de ensino básico quanto universitário.

Além dos conteúdos previstos na ementa da disciplina de Sociologia da Educação, o professor compartilhava, semanalmente, a teoria e o método do *estudo imanente*. Os dez primeiros encontros de estudos coletivos tinham como objetivo provocar uma catarse na turma, mediada por essa forma pedagógica de abordar o estudo, a escrita e a leitura. A pedagogia do método do *estudo imanente* me parecia muito abrangente. Envolvia aspectos teóricos, metodológicos, filosóficos e epistemológicos, mas também psicológicos e psicanalíticos. Abrangia aspectos corporais e mentais, mexendo com as linguagens dos mundos do universo humano. Transformava o comportamento dos estudantes e, também, do professor.

O professor dizia que essa forma de mexer no corpo e na alma das pessoas estudiosas era a essência da pedagogia do *estudo imanente* ou, melhor dizendo, da erospedagogia do método do *estudo imanente*. Seu objetivo era colocar em questão a formação de si, em si, por si e para si dos atores pedagógicos envolvidos no estudo dos conteúdos e na assimilação das linguagens das disciplinas. Parecia-me que fazíamos o avesso do que eu — e o senso comum — entendíamos por disciplina (vertical) e pedagogia (bancária).

Aconteceu de tudo naquele primeiro encontro de estudos coletivos da disciplina Sociologia da Educação, mas não percebi disciplina, nem tampouco pedagogia bancária!

O professor também enfatizou a importância do estudo em nossas vidas, deixando claro que o processo pedagógico do estudo regular e sistemático é fundamental para nosso desenvolvimento pessoal, social, emocional, afetivo e intuitivo — inclusive para o que não deveríamos priorizar ou nos preocupar: o desenvolvimento profissional. Nas palavras do professor/pesquisador:

O estudo, como modo de vida e cuidado de si, mobiliza e desperta, com suas dinâmicas e formas de se exteriorizar no mundo, as potências [libertárias] latentes da interioridade humana. O estudo regular, sistemático e metódico [evoca, erige e] afirma, agora, hoje, na contemporaneidade, a *ética das virtudes* e a *estética da existência*, que são forças que nos ajudam a fazer de nossas vidas obras de arte [...], [e se o faz, faz] contra um universo de ocupações que mais não fazem do que banalizar as nossas existências, nos espaços vivos. (Bezerra, 2019a, p. 25).

Nas bibliotecas ou ambientes de estudo, mesmo nos ambientes improvisados em nossas residências, onde o estudo é vivido intensamente, há um regime de verdade nas linguagens intrínsecas às atividades do estudo, que regula e orienta nossas vidas, coage, constrange e nos obriga ou desobriga a estudar. E, neste caso, a procrastinar o estudo.

Mas estudar como? Nós sabemos estudar? O que é estudo?

E o professor alertava: existe, em todo e qualquer ambiente de estudo, de forma latente e viva, a política de si. Ela organiza nossas vidas nos espaços vivos da cidade. A política de si, no método do *estudo imanente*, está comprometida em fortalecer o governo de si e priorizar o estudo ou a formação de si, em si, por si e para si, em detrimento de outras atividades, ocupações e demandas. Eis o conflito instalado pelo estudo regular e sistemático.

A intensidade e espacialidade do estudo, cultivadas nos espaços vivos do estudo regular e sistemático, geram experiências ímpares, promovendo a estética da existência. Esse processo de *estudo imanente* contrasta e colide frontalmente com outras atividades e ocupações. Ele trava lutas de vida ou morte com as ocupações que alienam, embrutecem e oprimem, provocando angústia, melancolia, impotência e frustração, até levar as pessoas a desistirem do que há de mais sublime: formar-se a si mesmas, por si mesmas e para si mesmas, conforme seus desejos e vontades. O objeto das atividades do *estudo imanente* é a própria humanidade de quem estuda.

Estudo é trabalho humano sensível, de si para consigo, isto é, de si sobre si, sobre o corpo e a alma de quem estuda. Nesse processo de formação, formamos ou fazemos outro de nós mesmos, utilizando os saberes acumulados por quem estuda, sobretudo por meio da escrita de si. Simultaneamente, ocorre a personificação da forma social do estudioso. A

desistência de si, da formação de si, materializa-se, por exemplo, no abandono ou evasão dos estudantes das instituições de ensino e, conseqüentemente, dos ambientes de estudo.

Quando alguém abandona a formação de si para buscar qualquer ocupação no mercado de trabalho, está se negando a trabalhar sobre si, sobre o corpo e a alma, mediado pelo estudo, que visa aprimorar o ser humano. Troca esse fazer pelo fazer profissional. Com isso, deixa de trabalhar em si, por si e para si, para trabalhar para os outros. Renuncia ao governo de si no estudo para ser governado pelo capital. E nenhuma pessoa pode realizar esse trabalho pedagógico do estudo por outra, pois seus efeitos estão vinculados ao corpo de quem o realiza, em escala pessoal.

O estudo é uma potência, força e/ou poder indelegável e intransferível. Há dor pior do que o abandono da formação de si: viver o profundo absenteísmo do estudo, numa instituição de ensino, causado não por falta de desejo, mas por ignorância, por não saber estudar e não se saber estudioso. Por não saber expressar os sentimentos na escrita.

Hoje entendo que era isso que acontecia comigo e me corroía por dentro. E continua a ocorrer com jovens que ingressam no ensino superior no Brasil em quantidade desconhecida, provocando danos sociais, culturais e psicológicos incalculáveis.

Quase todos os Grupos de Estudo e Pesquisa cadastrados no CNPq, que estudam a formação escolar e universitária, não investigam o *estudo imanente* à vida dos atores pedagógicos. Os Programas de Pós-Graduação em Educação também não estudam a pedagogia libertária do estudo regular, sistemático e metódico. Pesquisam, em larga escala, o ensino bancário, focado em práticas de sala de aula e na busca ilusória por saberes profissionais.

O que se pesquisa amplamente são práticas de "ensino eficaz" voltadas ao desenvolvimento de competências e habilidades requeridas pelo mercado ou empresas. Mas o estudo regular e sistemático, que ocorre em bibliotecas e ambientes residenciais, é negligenciado. Basta visitar a biblioteca de uma escola ou universidade pública para constatar o desprezo pelo estudo, o que é um descalabro.

As ocupações alienantes comprometem o amor-próprio e a autoestima, levando ao abandono da formação de si. Esse "complexo neurótico de uma época" está intrinsecamente ligado à linguagem e ao regime de verdade do estudo.

O professor de Sociologia da Educação lutava para nos convencer da necessidade do *estudo imanente* à vida. Compreendi que aprimorar a compreensão de si e do mundo exige dedicação regular, sistemática e metódica. O estudo deixou de ser um meio para fins econômicos e passou a ser um modo de vida.

Bezerra (2019a, 2019b, 2019c) defende que as atividades pedagógicas do *estudo imanente* humanizam as existências. Com essa perspectiva, passei a exigir de mim mesma mais horas de estudo. Essa mudança resultou na melhoria significativa do meu desempenho acadêmico, culminando em minha integração ao GEPSTUFAL, grupo que enriqueceu todo o percurso da minha formação.

Em meio a essas diversas lutas reflexivas e meditativas, desencadeadas por todas essas questões, curiosidades e dúvidas, provocadas pela dinâmica do programa pedagógico da Sociologia da Educação, tive que me exigir a dedicar um maior número de horas/dia ao estudo. Transformei o estudo bancário, reduzido a estudar para fazer provas, pelo estudo regular e sistemático, o *estudo imanente* à vida. O objetivo desta dedicação passou a ser orientado para a conquista da autonomia, igualdade, maioria intelectual e superação da tutela autoinfligida. Em poucas palavras: para a fecunda formação de si.

O resultado desse deslocamento da pedagogia bancária do ensino para a pedagogia libertária do estudo foi a elevação do meu desempenho acadêmico, sem precedentes, em todas as disciplinas oferecidas no segundo semestre. O que foi para mim um grande espanto, quando aconteceu.

No final do semestre, me senti mais aliviada. Experimentei, pela primeira vez, na história da minha vida de estudante, o sabor e o prazer da conquista da tranquilidade da alma.

Essa conquista ocorreu paulatinamente, durante o processo pedagógico que se desdobrou no período em que praticava, regularmente, os exercícios espirituais do método do *estudo imanente*: [1] a recomposição da geografia textual dos trabalhos acadêmicos estudados e escriturados no momento de diálogo crítico-criativo; [2] na decomposição das cartografias literárias do mapa da geografia textual, que ocorre no diálogo crítico-criativo: a cartografia das unidades significativas; a cartografia das unidades epistemológicas; a cartografia das questões norteadoras; a cartografia das palavras desconhecidas; a cartografia dos mnemônicos e das equações literárias; [3] na composição autoral da geografia textual, estruturada em introdução, desenvolvimento e conclusão; e [4] no diário do estudo autoetnográfico, autoanalítico e autocrítico, que, pela escrita de si como estudioso, escrituramos os sentimentos, as emoções, as intuições, as imaginações, os insights, as percepções, as associações mentais, entre outras potências latentes, que habitam a nossa interioridade e que são despertadas por esses exercícios espirituais do *estudo imanente* nos momentos anteriores.

Os exercícios espirituais ou atividades do método do *estudo imanente* ajudam a realizar, concretamente, estudos bibliográficos em qualquer disciplina ou campo de conhecimento. E, na medida em que isso ocorre, acontece, concomitantemente, a reliteraturalização ou territorialização de novos vocabulários e linguagens em nossas mentes e memórias. Tudo o que estudamos, de forma regular e sistemática, é, de alguma forma, memorizado e

mentalizado. É esse processo pedagógico de territorialização e reliteraturalização da mente que faz os vocabulários e as linguagens progressos caírem na lembrança e até no esquecimento. O estudo regular, sistemático e metódico mina as linguagens que habitam e governam, soberanamente, as mentes, memórias, percepções e a própria vida das pessoas, e, muitas vezes, sem consentimento ou concordância. As linguagens e vocabulários progressos perdem legitimidade com as novas linguagens e vocabulários assimilados.

Portanto, os exercícios espirituais do *estudo imanente*, a realização dos seus quatro momentos ou atividades, são uma forma pedagógica de, nós mesmos, como atores pedagógicos autônomos, independentes e estudiosos, reinventarmos as nossas pessoas, de nos desfazermos das pessoas que somos para nos convertermos e/ou nos transfigurarmos na pessoa que desejamos ser. O método do *estudo imanente* é, talvez, uma das poucas formas de nos esculpirmos e/ou fazermos, conscientemente, outros de nós mesmos. E é importante, desde já, deixar claro que esse é um processo inacabado. Isso coaduna com Marx (2017, p. 307), no Capítulo VIII, A Jornada de Trabalho, no Volume I, em O Capital, nomeia esse processo de personificação da forma social.

O método do *estudo imanente* é portador de uma pedagogia própria, libertária e singular, que o professor Bezerra (2019a) nomeia de erospedagogia. E ele possui a força e/ou a potência de integrar corpo (e tudo que está em seu interior), linguagem (complexo categorial das ciências, por exemplo) e mundo (complexos sociais erigidos no território usado). E o faz através da recomposição, decomposição e composição da geografia textual de trabalhos acadêmicos e livros didáticos, ao mesmo tempo em que qualifica, aprimora e enriquece a formação de si, em si, por si e para si, de cada pessoa e socialmente. Em outras palavras: em escala pessoal (trabalho pedagógico individual) e em escala social ou coletiva (trabalho pedagógico coletivo).

Através deste método, passei a dedicar um maior número de horas ao estudo regular e sistemático, realizando inúmeros estudos bibliográficos. Por fim, passei a me empenhar na elaboração autoral de geografias textuais de referências bibliográficas selecionadas ou indicadas por diferentes disciplinas do curso de Pedagogia, oferecidas no segundo semestre. Para minha alegria e tranquilidade, melhorei significativamente a compreensão dos diversos textos propostos, não apenas na disciplina de Sociologia da Educação, mas em todas as disciplinas nas quais estava matriculada. Ao término do semestre, fui convidada pelo professor a integrar o Grupo de Estudo Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana (GEPSTUFAL). Com o ingresso no grupo, pude viver processos pedagógicos que enriqueceram todo o percurso da minha formação acadêmica.

FORMAÇÃO DE SI NO GEPSTUFAL

*Do nada Nada procede
Portanto, [Da amizadeProcede a amizade]
De todas as coisas que a sabedoria busca em vista de uma vida feliz,
o maior bem é a conquista da amizade.
A amizade anda pela terra anunciando a todos que devemos
acordar para dar alegriauns aos outros.*

Epicuro

Minha inserção no Grupo de Estudo GPSTUFAL foi de importância vital para os eventos que descreverei nas próximas seções. E sobre essa nova história é preciso começar pelo princípio pedagógico da amizade, vivido como força pedagógica dos vínculos e compromissos exigidos pelo Programa Formação de Si, elaborados pelos membros do Grupo de Estudo, no primeiro semestre de 2016.

Foi o princípio pedagógico da amizade que, por exemplo, conscientizava e motivava os participantes a se engajarem no desejo de territorializar o método, para além dos muros da universidade, por meio de projetos de pesquisa, de extensão, de monitoria e de ensino. Foi ele que nos incentivava a compartilhar o método com os professores e estudantes da educação básica: ensino fundamental e médio.

O princípio filosófico da amizade permeia, até hoje, todas as atividades pedagógicas do Grupo de Estudo. Ele fortalece os vínculos afetuosos e solidários entre os participantes.

Além da motivação, o princípio pedagógico da amizade cria as condições necessárias para despertar as disposições psicológicas e subjetivas, tão necessária aos jovens pesquisadores, em formação, no Grupo de Estudo. Por exemplo, fazer os membros do Grupo se deslocarem de suas residências, nas manhãs de sábado, para a UFAL. Foi ele que motivou a realização de vários encontros virtuais, durante a Pandemia.

O princípio pedagógico da amizade possui a petulância de provocar saudades. E, com isso, juntar-nos com o objetivo, estrito, de promover a formação de nós mesmos, como estudiosos da pedagogia do *estudo imanente* à vida. Isso é o GEPSTUAL: um coletivo de estudantes universitários que, em determinados momentos, junto com o Grupo de Estudo Milton Santos, hoje desativado, envolveu quase uma centena de pessoas.

Foi nesses encontros que comecei a redigir artigos para publicação, com a colaboração do professor e dos colegas. Dentre as diversas experiências vivenciadas, destacam-se algumas de maior relevância. A primeira delas foi a participação, em uma exposição, por meio de *banners*, no Congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Esse foi nosso primeiro resumo expandido, baseado em nossas experiências com o *método de estudo imanente*, compartilhado com estudantes da educação básica, onde lecionávamos. É importante salientar que este resumo expandido é o Ensaio 2 deste Trabalho. Esta experiência foi a primeira oportunidade de

apresentar nossos escritos ao mundo. E ele foi incluído nos Anais do Congresso. Este momento foi altamente motivador para nós.

Outro momento de destaque foi nossa viagem à cidade de Irecê, na Bahia, onde cincomembros do Grupo saíram em uma jornada de algumas horas, com o propósito de compartilhar o método com os professores da Universidade Estadual da Bahia [UNEB] e do Instituto Federal de Irecê [IFI]. Estávamos imbuídos e determinados pela vontade de disseminar o *método do estudo imanente*. Ficamos hospedados na casa da professora Ana, da UNEB, e tivemos a oportunidade de explorar um pouco da dinâmica local, conhecer o campus, reunir-nos, ministrar palestras e difundir o nosso método.

A partir de nossas experiências, fomos também conhecer as experiências de outros professores, que adaptaram o método para trabalharem com os estudantes matriculados no ensino médio, oferecido pelo Instituto Federal de Irecê. Este convívio e troca de experiências, foi extraordinariamente significativo e enriquecedor, proporcionando-nos conhecimentos de grande relevância para o aprimoramento do método. Além disso, constatávamos a repercussão do método, que se estendia além de nossa universidade, para instituições de ensino de outros Estados. Para tais acolhimentos e descobertas acontecerem e se consolidarem firmou-se uma parceria como o Grupo de Estudo e Pesquisa da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), coordenado pela professora Ana. E foi através desta parceria que realizamos colóquios, reuniões virtuais, encontros na UFAL e a produção de muitos artigos acadêmicos.

Outra experiência marcante, quiçá a mais significativa até hoje, para o Grupo, foi nossa visita à cidade de Bacabal, no estado do Maranhão, com o propósito de ministrar uma Oficina. Ao longo de oito dias, entre tempo de deslocamento e estadia, vivenciamos momentos extraordinários. Embalados pelo princípio pedagógico da amizade, entre cinco participantes que se deslocaram para o Maranhão, experimentamos um dos ápices de nossa trajetória comum, da formação de si, no GEPSTUFAL.

Ao sermos recebidos por professores e estudantes do Campus da Universidade Federal do Maranhão, no Município de Bacabal, além de compartilhar nossas experiências, avalio que conseguimos despertar o interesse dos presentes pelo *método do estudo imanente*; que, de acordo com suas observações críticas, se revelava como promissor. Foi esta a motivação que fez alguns integrantes do Grupo percorrer mais de 1.600 quilômetros, entre o Norte e o Nordeste, para difundir o *método*.

Dessa experiência, seguiram-se encontros, lançamento do livro *A Medida Viva do Fogo: Teoria e Método do Estudo Imanente*, na I Jornada de Estudos e Pesquisas sobre Políticas Públicas (I JESPPE, 24 a 26, julho de 2023, na Universidade Federal do Maranhão - UFMA), e o Mini Curso *A expropriação do tempo livre e do tempo socialmente necessário à apropriação de conhecimentos pela produção da Mais Valia*, na XI Jornada Internacional de

Políticas Públicas (XI JOINPP, de 19 a 22 de setembro de 2023, na UFAMA). Depois, para nossa alegria, a Comissão Organizadora do XI JOINPP, nos solicitou a elaboração de um artigo. E não era qualquer artigo. Era um artigo para publicar na Revista do Programa de Pós-Graduação de Políticas Públicas, da UFMA, conceituada como A1 pela CAPES. Foi assim que o estudo foi se tornando necessário em minha existência.

E foi essa dedicação fecunda que também abriu a possibilidade de eu participar da 9ª Conferência do Fórum da Gestão do Ensino Superior, nos Países e Regiões de Língua Portuguesa (FORGES), realizada em Brasília, em novembro de 2019. Durante o evento, que incluiu plenárias, oficinas, discussões abrangentes e exposições, compartilhamos nosso método. Em meio a diversas abordagens, éramos os únicos a apresentar o estudo regular, sistemático e metódico como condição para alavancar a excelência e a qualidade acadêmica das universidades das Comunidades de Língua Portuguesa.

Além de apresentar nosso resumo expandido, fizemos contribuições em Oficinas e Plenárias. Além de fazer o lançamento do *LivroBox Formação de Si*, com dois volumes: Volume I – *Sociologia do Trabalho Pedagógico e Formação Humana* e Volume II – *Estudo & Virtude*. Foi com alegria que vimos os nossos trabalhos ganharem reconhecimento notável, na FORGES. E a comunicação apresentada na Conferência, foi incorporada neste Trabalho de Conclusão de Curso, no Ensaio 3. Ele trata dos obstáculos que impedem a *difusão do método do estudo imanente, pelo globalitarismo da pedagogia bancária*.

Foram experiências universitárias marcantes, momentos indescritíveis, pena que não há espaço para tratar de todos os detalhes como gostaria. Entre elas destacam-se as apresentações de trabalho acadêmico em Congressos Nacionais e Internacionais, dentro e fora do estado de Alagoas. Essas experiências proporcionaram um vasto campo de conhecimento, que contribuiu na conquista da maioria intelectual de vários estudantes de graduação. Atualmente, como professora do 6º ao 9º ano, da etapa II, do Ensino Fundamental, tive a oportunidade de adaptar o nosso método e compartilhá-lo. Esta iniciativa resultou na formação de si de vários estudantes, na elevação do desempenho escolar e na conquista da escrita imanente por vários estudantes.

DESAFIOS DO ESTUDO BIBLIOGRÁFICO COM O MÉTODO DO ESTUDO IMANENTE, NA ETAPA II DO ENSINO FUNDAMENTAL

Durante 12 anos de experiência em sala de aula confesso que foi apenas nos últimos 4 anos que venho me dedicando, com afinco, a reflexão sobre a *formação de si* dos estudantes, que tenho responsabilidade em formar. Durante dois anos atuei como professora de Ciências, nas turmas do 6º ao 9º ano, na Etapa II do Ensino Fundamental, em uma escola privada, no Município de Cajueiro, interior de Alagoas. Durante as aulas, percebi, com preocupação,

as profundas dificuldades dos estudantes em leitura, interpretação, compreensão e produção da escrita autoral.

Era evidente que os estudantes conseguiam decodificar textos. O que não sabiam era interpretar e compreender os conteúdos expostos nos livros didáticos. Esta realidade é psicologicamente traumática para os estudantes, especialmente quando consideramos os seus relatos. Por exemplo, muitos relatam que se dedicam muitas horas ao estudo, nem por isso conseguem compreender o texto estudado. Revelando, com isso, que o problema não está na ausência de dedicação ou força de vontade, mas por desconhecerem métodos de estudo que lhes ajudem a alcançar os objetivos desejados.

Diante dessas constatações, resolvi fazer uma primeira intervenção na realidade da formação de si dos estudantes, na escola que trabalhava, com o objetivo de elevar e/ou aprimorar a qualidade da escrita e da leitura; e, como consequência, melhorar seus desempenhos escolares. Com a autonomia que me era concedida, comecei o trabalho na sala de aula questionando os alunos sobre seus métodos de estudo. Indagados sobre como estudavam não houve surpresa nas respostas. A maioria limitava-se a sublinhar o texto e assistir vídeos várias vezes. Acreditando, com isso, que a audição e a visão são capazes de criar memória e os enriquecer com novos vocabulários. Pura ilusão. Não realizavam anotações ou reflexões críticas dos conteúdos estudados. Por conseguinte, não estudavam!

O objetivo desta intervenção era qualificar a participação dos estudantes nas aulas, que era pífia ou nula e, para nós, explicava, em parte, o baixo desempenho nas avaliações nas disciplinas escolares. As limitações cognitivas eram tão profundas que os estudantes apresentavam dificuldades em responder, inclusive, questões de múltiplas escolhas.

Iniciei a intervenção pedagógica dando a palavra aos estudantes. Eu os ouvi atentamente durante várias aulas. E nas impressões que registrei dessa escuta, identifiquei os obstáculos e as dificuldades que deveriam ser superados. Destacavam-se, entre outros, a forma superficial, efêmero, arbitrário e assistemático como estudavam; além de se ocuparem de tudo quanto era atividades, muitas de uma banalidade sem tamanho, e o estudo sempre era posto no segundo plano. Esses comportamentos contribuíam para a dispersão e provocavam a falta de atenção e concentração, requeridas pelo estudo. Muitos não tinham sequer ambiente adequado para estudar, outros queixavam-se da televisão ligada o dia inteiro e constatamos que o vício do celular era generalizado. Destacava-se também a mentalidade infantil dos estudantes, possivelmente provocada pela minoridade intelectual e cultural, e a velocidade das mudanças tecno-culturais em curso, desde o final do século XX, com a difusão dos computadores e das tecnologias de comunicação e informação.

No diálogo com os estudantes enfatizei que uma das exigências das empresas que se modernizaram, com as tecnologias de informação e comunicação, era

a aquisição de conhecimento sólido. Por sua vez, que a aquisição desse tipo de conhecimento ocorre por meio do estudo regular e sistemático. Além dessa associação entre a aquisição de conhecimentos sólidos e as novas tecnologias, procurei mostrar o impacto desta aquisição e desse estudo nas percepções das pessoas, na identidade social e na compreensão da realidade circundante. Ressaltei, ainda, como o estudo contribui para o desenvolvimento do amor próprio e da autoestima. Que o processo pedagógico, desencadeado pelo estudo regular e sistemático, eleva as chances do reconhecimento social e da autoestima, o respeito e atenção pelos argumentos do argumentador, a confiança no trabalho das pessoas qualificadas.

Todos esses fatos indicam que o estudo regular e sistemático posiciona as pessoas de uma forma distinta na geografia social e hierárquica, nos espaços vivos em que existem. Considerando o currículo escolar e a inserção no mercado de trabalho, não deixei de abordar as possibilidades de crescimento profissional, que se abrem por tal processo pedagógico, desencadeado pelo estudo regular e sistemático. De fato, é ele que possibilita as melhores oportunidades para os atores pedagógicos.

Após uma aula de 50 minutos, cujo objetivo era refletir sobre a avaliação da escuta que realizei, pude observar o impacto do que conversamos sobre o estudo, na curiosidade que se manifestava nas perguntas dos estudantes. Queriam saber como os professores estudavam. E, particularmente, como eu estudava, que método utilizava para compreender os conteúdos do livro e dar boas aulas; como descobria o que era importante para eles aprenderem.

Diante da natureza da curiosidade dos estudantes não tive dúvidas das contribuições que o *estudo imanente* teria na intervenção que me propunha realizar. E com uma certeza: para conseguir algum progresso teria que envolver os estudantes na formação de si, em si, por si e para si. Estabeleci como meta incentivá-los a interpretar e produzir textos de própria autoria, ciente de que a regularidade dessa escrita melhoraria o interesse de estudar e, por conseguinte, melhoria o desempenho escolar.

Durante alguns meses retomávamos, no início de cada aula, os conteúdos que tinham sido trabalhados na aula anterior. No quadro, os estudantes destacavam as principais informações do que estudavam, as principais categorias, conceitos dessas categorias, ideias relacionadas às categorias e o conjunto de palavras desconhecidas. Assim estudávamos e conversávamos, coletivamente, sobre os conteúdos socializados e estudados em escala pessoal e na sala de aula. Em seguida, dialogávamos sobre a qualidade do estudo efetuado e o que haviam conseguido assimilar dos livros didáticos. Uma única exigência teria que ser cumprida: escriturar e anotar tudo que se achasse relevante nos *cadernos de estudo*. Os estudantes tiveram que comprar cadernos e nós dávamos vistas no que eles registravam e tratavam em seus cadernos. Era como se o tratamento que davam aos cadernos davam

a si mesmos. Tudo que resultasse dos estudos deveria ser escrito.

Os *cadernos de estudo* dos estudantes passaram a constituir o principal recursopedagógico da minha intervenção. Tornaram-se imprescindíveis para verificar como os estudantes se apropriavam dos conhecimentos que estudavam e se dedicavam aos estudos em escala pessoal, fora da sala de aula, em ambientes de estudo adaptados em suas residências.

Essa rotina acabou se impondo como desdobramento dessa pedagogia dialógica, criada pelos próprios estudantes, para se apropriarem, minimamente, de alguns princípios basilares, do *método do estudo imanente*. Essa rotina pedagógica, baseada no estudo imanente, passou a facilitar a revisão dos conteúdos e dos estudos dos próprios estudantes. Cresceu a memória vocabular e, com isso, ela passou a colaborar na fixação dos conteúdos. O mais importante: a intervenção na formação de si dos estudantes, com esse processo pedagógico, contribuiu para elevar a responsabilidade e o compromisso, de cada estudante, com seus próprios estudos. O que foi reconhecido por alguns pais na reunião dos responsáveis na Escola.

Naturalmente, o *estudo imanente* precisou ser adaptado à realidade e ao tempo pedagógico de cada estudante. Mas isso é o que o próprio método orienta insistentemente. Ele não se propõe a ser um procedimento rígido, uniforme e padronizado. Pelo contrário, a sua grandeza é do tamanho da sua flexibilidade. Nada é fixo, tudo é fluxo. Em outras palavras, nem o próprio método escapa de ser levado ao tribunal da razão, quando é analisado no momento diálogo crítico-criativo. Tudo é posto em questão no diálogo crítico-criativo. Tudo entra em metabolismo e metamorfose em sua pedagogia libertária. O fazer ou proceder dos estudantes, nos quatro momentos do *estudo imanente*, que é a espinha dorsal do método, muda de estudante para estudante, porque a escrita que é a pedra fundamental do método, é singular em função da singularidade de cada estudante.

De modo que, não é possível haver entre um *estudo imanente* e outro, de trabalhos acadêmicos diferentes, qualquer similaridade ou semelhança, mesmo se feito pelo mesmo estudante. Pois ele é o resultado de uma plêiade de conquistas pessoais: da maioria intelectual de cada estudante, do acúmulo de conhecimentos de cada estudante, da dedicação de cada estudante e do tempo socialmente necessário que cada estudante precisa para se apropriar dos conhecimentos socializados nos textos. Tudo isso influencia na elaboração autoral da geografia textual, contendo introdução, desenvolvimento e considerações finais.

Por essas singularidades dos estudantes, não há o menor problema do método ser trabalhado nas mais diversas áreas do conhecimento e disciplinas, etapas de ensino e por professores com perfis diferentes. Diferença e pluralidade são fundamentos pedagógicos do *estudo imanente* à vida dos atores pedagógicos, tal qual a diversidade e a pluralidade do povo brasileiro. Com

essas características práticas o *estudo imanente* se permite ser ajustado de diferentes formas e de acordo com as necessidades de cada estudante, de cada cultura e de cada grupo escolar.

O resultado dessa intervenção foi a melhora significativa do desempenho dos estudantes e da escola, da elevação do compromisso e responsabilidade com os estudos, a inibição total do fracasso escolar, a superação do absenteísmo e a elevação do prazer e da alegria em estar na escola, junto com os colegas de turma, na sala de aula, participando dos encontros de estudos coletivos. Constatamos também que atrasos e faltas diminuíram e a frequência, óbvio, aumentou. Além da aprovação em 80% dos estudantes no IFAL.

Convencemo-nos que foi a forma sistemática e regular de escrever sobre os conteúdos socializados em sala de aula e escriturados nos cadernos de estudo, conteúdos que eram produzidos nos diálogos, nos debates e nas reflexões diárias e semanais, dos estudantes consigo, com os colegas e conosco e que eram ampliados pelos estudos dos próprios estudantes do livro didático utilizado, também escriturados em seus *cadernos de estudos*, que forjou as mudanças: a maioria intelectual, a responsabilidade com a formação de si e a criação de disposições psicológicas e subjetivas. Elas aumentaram o compromisso dos estudantes com os estudos.

Essa intervenção didático-pedagógica, desencadeada por nós, criou as bases para a transformação dos estudantes que se empenharam, com afinco, nesta experiência. Aos poucos era possível perceber o movimento de superação da tutela autoinfligida pelos estudantes e a conquista da autonomia intelectual. E as alegrias que se estampavam nos rostos dos estudantes com essas conquistas são indescritíveis e inesquecíveis, mas estão em nossas lembranças, em nossas saudades, em nossas memórias, em nossos corpos.

REFERÊNCIAS

Agamben, G. *Autorretrato en el estudio*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Adriano Hidalgo Editora, 2018.

Bezerra, C. *A medida viva do fogo: teoria e método do estudo imanente*. Brasil: Grupo de Estudo Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana, 2023.

Bezerra, C. *Conhecimento, riqueza e política: um estudo sob a ótica da teoria social de Marx e da filosofia da práxis de Gramsci*. Maceió: EDUFAL, 2009.

Bezerra, C. *Estudo e virtude: formação de si no mundo com os outros e as contradições na educação brasileira*. Maceió: Grafmarques, 2019b.

Bezerra, C. Institucionalização da geografia da dependência social e caminhos para a autolibertação do povo brasileiro. In: LEONIDIO, Adalmir (et al.). *Brasil:*

200 anos de (in)dependência (1822-2022). São Paulo: Hucitec, 2022a, p. 249-314.

Bezerra, C. *Potências libertárias do estudo imanente*. Brasil: Grupo de Estudo Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana, 2022b.

Bezerra, C. *Professores desacorrentados na-e-da cé(lu)la de aula: estudo imanente como método para resistir e emancipar*. Maceió: EDUFAL, 2019c.

Bezerra, C. *Sociologia do trabalho pedagógico e formação humana: crítica à economia política do trabalho pedagógico*. Maceió: Grafmarques, 2019a, Volume I.

Cardoso, F. F.; Lima, M. P.; Bezerra, C. *Fundamentos ontológicos do trabalho pedagógico*. In: Conselho Nacional de Educação. Anais de evento, 2018. ISSN: 2358-8829.

Cardoso, F. F.; Lima, M. P.; Oliveira, R. F. *Formação de si referenciada na formação humana: efeitos de um método sistematizado de estudo*. 2019.

Carvalho, A. F. *Foucault e a função-educador: sujeição e experiências de subjetividades ativas na formação humana*. Ijuí: Unijuí, 2010.

Freire, P. *pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Machado, A.M.N.; Bianchetti, L. (Orgs). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações*. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2012.

Sêneca. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

O estudo como formação humana é ato de liberdade

Study how human formation is an act of freedom

El estudio como educación humana es un acto de libertad

Resumo	Abstract	Resumen
<p>Este trabalho reflete a minha trajetória acadêmica no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Está estruturado em três ensaios e diversas seções. Inicia-se enfatizando a relevância e o impacto da formação acadêmica e universitária na minha visão de mundo. Em seguida, analiso os desafios enfrentados durante a formação universitária, destacando a superação da tutela autoinfligida e as dificuldades nas disciplinas de Fundamentos da Educação. Posteriormente, relato minhas primeiras vivências na universidade e destaco, como ponto de inflexão, a descoberta do método do estudo imanente. Na sequência, discuto minhas experiências no Grupo de Estudo em Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana (GEPSTUFAL). Por último, exponho o que reconheço como a grande conquista desta formação universitária: o impacto positivo do método do estudo imanente no meu desempenho acadêmico, maioridade intelectual e criatividade profissional.</p>	<p>This work reflects my academic trajectory in the Full Degree in Pedagogy, at the Federal University of Alagoas (UFAL). It is structured in three essays and several sections. It begins by emphasizing the relevance and impact of academic and university training on my worldview. Then, I analyze the challenges faced during university education, highlighting the overcoming of self-inflicted tutelage and the difficulties in the disciplines of Fundamentals of Education. Later, I recount my first experiences at the university and highlight, as a turning point, the discovery of the method of immanent study. Next, I discuss my experiences in the Study Group on Sociology of Pedagogical Work, Curriculum and Human Training (GEPSTUFAL). Finally, I expose what I recognize as the great achievement of this university education: the positive impact of the immanent study method on my academic performance, intellectual adulthood and professional creativity.</p>	<p>Este trabajo refleja mi trayectoria académica en la Licenciatura Integral en Pedagogía, en la Universidad Federal de Alagoas (UFAL). Está estructurado en tres ensayos y varias secciones. Comienza enfatizando la relevancia y el impacto de la formación académica y universitaria en mi visión del mundo. A continuación, analizo los desafíos enfrentados durante la formación universitaria, destacando la superación de la tutela autoinfligida y las dificultades en las disciplinas de Fundamentos de la Educación. Más tarde, relato mis primeras experiencias en la universidad y destaco, como punto de inflexión, el descubrimiento del método de estudio imanente. A continuación, expongo mis experiencias en el Grupo de Estudio de Sociología del Trabajo Pedagógico, del Currículo y de la Formación Humana (GEPSTUFAL). Finalmente, expongo lo que reconozco como el gran logro de esta formación universitaria: el impacto positivo del método de estudio imanente en mi rendimiento académico, adultez intelectual y creatividad profesional.</p>
<p>Palavras-chave: Estudo. Formação humana. Ato de liberdade.</p>	<p>Keywords: Study. Human formation. Act of freedom.</p>	<p>Palabras clave: Estudio. Educación humana. Acto de libertad.</p>